

FORT GANSEVOORT

O TEMPO

Randolpho Lamonier amplia seu raio de ação no cenário das artes visuais

Por CARLOS ANDREI SIQUARA June 03, 2019



Com diversas exposições individuais e coletivas no currículo, Randolpho Lamonier mira novos projetos e ações

Do alto da janela do seu apartamento no 11º andar, no edifício situado na avenida Augusto de Lima, no centro de Belo Horizonte, o artista Randolpho Lamonier, 30, avista um folião pulando Carnaval fantasiado de dinossauro. A imagem fixa sua atenção, mas o pega despreparado, sem uma câmera fotográfica para registrar. Paciência. Ele contenta-se com a visão guardada na memória, e sabe que havia algo naquela figura que poderia funcionar como um disparador para uma nova obra. Volta-se para a sala, e encontra sobre o chão 15 tapetes perfeitamente distribuídos em três fileiras – cada uma contendo cinco peças da nova série, “Recrutados”.

FORT GANSEVOORT

Enquanto a folia segue lá fora, Lamonier está em casa finalizando os detalhes desse trabalho inédito e que estuda exibir em breve. Ele apenas faz uma pausa para receber a reportagem, e confessa algo que lhe parece ser recorrente: “Eu não sei o que acontece, mas estou sempre trabalhando em prazos um pouco apertados”, diz o artista, entre um trago e outro no seu cigarro.

Com seis mostras individuais e mais de 30 coletivas no currículo, sendo as mais recentes “República da Cobra” (2018), na galeria Periscópio Arte Contemporânea (BH), “MitoMotim”, no Galpão VB (SP), e “Arte Democracia Utopia – Quem Não Luta Tá Morto”, em cartaz no Museu de Arte do Rio e eleita uma das melhores de 2018 pelo jornal “O Globo”, Lamonier segue mirando novos projetos. Um deles é a participação na feira de arte Spring / Break em Nova York (EUA), que começou ontem. Ele é o único mineiro entre os dez brasileiros representados no evento, por meio da iniciativa da AnnexB – organização especializada em oferecer residências artísticas para brasileiros em Nova York.

Além disso, Lamonier é nome confirmado na 15ª edição da SP-Arte, que é a maior feira de arte da América Latina, prevista para acontecer entre os dias 3 e 7 de abril, no Pavilhão da Bienal, em São Paulo. Todos esses compromissos o tem tirado da rua, onde ele circula recolhendo material para suas criações e, sobretudo, perscruta as cenas que encontra. “Eu acho até tudo isso um pouco cansativo, porque me sinto como se estivesse em um processo de estranhamento constante”, diz.

O artista, que nasceu em Coronel Fabriciano, mas ainda bebê mudou-se com a família para Contagem, refere-se a si mesmo como alguém que transita entre “vários mundos”. Um deles é o da periferia urbana, que ele conhece pelas privações e pela vulnerabilidade, e outro é o do circuito da arte, ao qual desde 2012 ele tem tido mais acesso, quando começou a cursar artes visuais na Escola de Belas Artes da UFMG e transferiu-se para Belo Horizonte. “Eu senti um impacto quando cheguei ali. A maioria das pessoas já tinha conhecido algumas das obras que estudávamos no Louvre ou no (Museu Nacional Centro de Arte) Reina Sofia, e eu nunca tinha visto nada daquilo”, recorda.

Até hoje ele não sabe explicar como foi parar nesse meio. “Eu venho de uma família de operários, então o mais comum é que eu fosse atuar na construção civil. Mas em algum momento eu fiz essa curva, e eu não sei bem porque”, relata. Antes de decidir trabalhar com arte, Randolpho foi cobrador de ônibus, ator no segmento de teatro empresarial e até empregado de um pet shop. Deixar isso para trás e optar pela arte, para ele, é palmilhar o caminho da incógnita, o que muitas vezes até afeta seu sono.

“É uma sensação de se estar numa corda bamba. Tanto do ponto de vista criativo, quanto de carreira. Há uma certa insegurança. Mas, ao mesmo tempo, eu funciono nesse platô – embora muitas vezes eu tenha insônia; afinal, como vou pagar as contas?”, pondera Lamonier. Não à toa ele mantém uma regularidade ininterrupta de exposições desde 2011. “Pode parecer um pouco obsessivo, mas acho que isso acaba sendo um reflexo dos valores da minha família, que estava sempre trabalhando, e eu acho que tenho um pouco disso dentro de mim”, reconhece.

Outros aspectos também o conectam com suas origens, como pode ser percebido em suas obras. Seja os cenários das fábricas encontrados nas pinturas, fotografias e monotípias do início de sua trajetória, seja nos materiais empregados por Lamonier, especialmente o tecido que tem marcado sua produção mais recente. Nesse caso, a referência mais direta é sua mãe, Maria do Carmo, cuja habilidade com a costura, inclusive, tem sido requisitada por ele em projetos de maior escala.

FORT GANSEVOORT

“Ela trabalhava costurando bancos de carro, e agora que ela aposentou, nós temos feito algumas coisas juntos. Tem sido muito interessante o modo como isso também tem nos aproximado de alguma forma”, conta o artista. Lamonier, contudo, disse que nunca aprendeu a costurar. Quando compôs a primeira obra a partir desse suporte, em 2015, ele agiu de supetão. “Eu havia comprado um tapete para minha casa, e meu pai me falou que o Gabriel, um amigo que foi meu vizinho, havia sido assassinado. Eu logo depois peguei o tapete e comecei a costurar esse trabalho que faz parte da série ‘Crônicas de Retalho’”, diz o artista.

Dessa mesma série, há outras obras que fazem referência à episódios de sua infância, como uma em que se lê ‘os meninos da Vila Cristina brincavam de matar ratazanas no esgoto’. “Isso era realmente o que acontecia”, frisa.

Processos

Entre os temas que permeiam as criações de Randolpho Lamonier, a violência é uma constante. Esta é abordada por meio de diferentes perspectivas, desde a violência de gênero à racial e institucional. A série inédita “Recrutados” insere-se nisso, e baseia-se em um conjunto de tapetes em que são costuradas imagens de armas feitas com retalhos e acrescidas de datas de nascimento.

“Acho que eu fui ficando tão cansado de ouvir com tanta frequência que algumas pessoas próximas de mim tinham sido assassinadas ou que mataram, que eu acabei levando um pouco disso para esse trabalho. Qualquer pessoa que vem da periferia lida com essas questões de maneira muito presente”, pontua Lamonier.

Se no início de seu percurso como artista ele pensava em dedicar-se às composições abstratas, principalmente valendo-se da linguagem da pintura, o aspecto social, a seu ver, passou a ser parte importante e inerente desse processo, em que a expansão do uso de uma multiplicidade de materiais também foi incorporada definitivamente. “Eu sinto que não tenho uma metodologia específica, ou melhor, como uma amiga minha me chamou a atenção, eu acho que a experimentação se tornou a minha metodologia”, diz Lamonier.